



**Fecomércio PE**

**Sesc | Senac**

**Instituto Fecomércio**

**Boletim Conjuntural**

Março / 2015

# BOLETIM CONJUNTURAL

Boletim conjuntural do comércio varejista de Pernambuco: Março de 2015

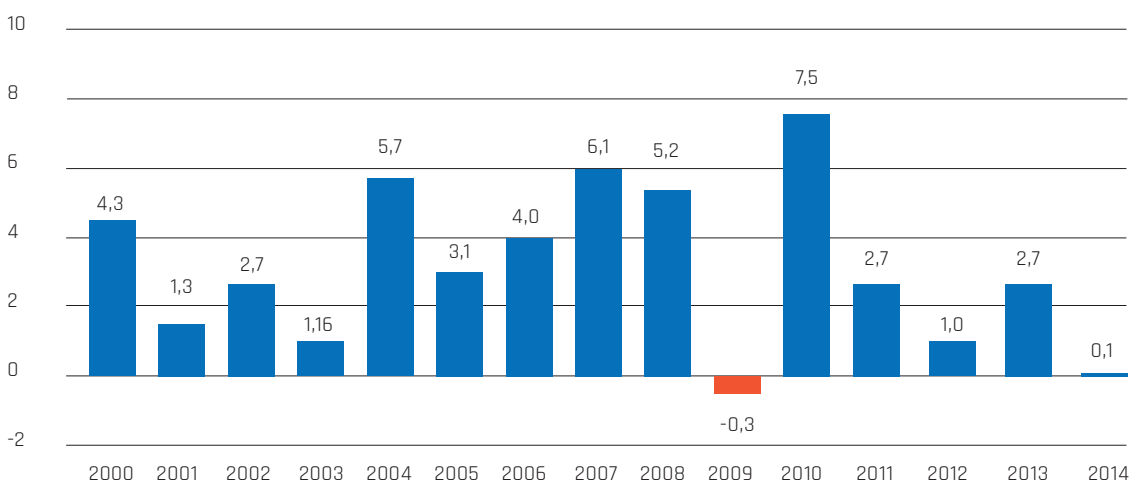
## CONTEXTO NACIONAL E REGIONAL

Finalizado o ano de 2014, o píffo crescimento de 0,1% do PIB confirmou as expectativas de estagnação da economia brasileira. Até então, esse foi o mais tímido desempenho produtivo do país após 2009, quando o PIB apresentou variação de -0,3% (ver Gráfico 1), no ápice da recente crise econômico-financeira mundial.

Do lado da oferta, a queda de 1,2% do produto industrial, que representou 20,0% do PIB, contribuiu substancialmente para o mal resultado da economia como um todo, assim como

a fraca expansão de 0,7% do setor de serviços, responsável por 60,7% do PIB – com peso significativo do comércio, que sofreu queda de -1,8%. Pela ótica da demanda, o arrefecimento no consumo das famílias teve um impacto importante no crescimento da economia em 2014: a despesa das famílias (62,5% no PIB) cresceu apenas 0,9%, aquém do crescimento de 2,9% registrado no ano de 2013. O investimento, por sua vez, cerca de 17% do PIB, sofreu forte retração de -4,4% (no ano anterior, o investimento havia crescido 6,1%).

Gráfico 1 - Brasil: taxa de crescimento anual do PIB a preços de mercado (em %) - 2000 a 2014



Fonte: Contas Regionais/IBGE (2000-2012); Contas Nacionais Trimestrais/IBGE (2013-2014, dados preliminares).

Elaboração Ceplan Multi.

Pressões inflacionárias (variação medida pelo IPCA alcançou 6,4% no ano, muito acima do centro da meta de 4,5%), desaquecimento no mercado de trabalho (cerca de 577 mil vagas foram liquidamente fechadas em dezembro,

freando o crescimento do emprego formal), condições pouco favoráveis para obtenção de crédito com elevação dos juros, e desequilíbrio da balança comercial (R\$ -4,0 bilhões, pior resultado desde 1999) paralelo à desvalorização

cambial, e baixa competitividade da indústria nos mercados externos, foram alguns dos fatores que imprimiram menos fôlego à economia brasileira em 2014.

O mercado de trabalho, por sua vez, fechou o ano com uma taxa de desemprego em 6,5% no último trimestre, segundo os dados da PNAD Contínua, pouco abaixo dos 7,1% registrados no último trimestre de 2013, tendo oscilado em torno de 6,8% ao longo de 2014. Já o rendimento médio dos ocupados, seguindo a trajetória de aumento real dos salários, cresceu 1,0% no trimestre outubro/dezembro de 2014 em relação ao mesmo período de 2013.

Cabe ressaltar que a queda na atividade industrial, já agravada pelo fraco desempenho, tanto do comércio exterior mencionado anteriormente quanto do mercado interno (em 2014, o comércio varejista cresceu apenas 2,2%, enquanto o varejo ampliado apresentou queda de 1,7%, piores resultados nos últimos 11 anos), guarda também relações com o a retração no mercado de trabalho formal: a dinâmica sustentação dos ganhos reais do salário face à baixa produtividade da indústria nacional, sendo compensada por programas de demissão, como no setor automobilístico, ou redução da produção em si.

Some-se ao parco desempenho econômico, a consequente deterioração das contas públicas, em que a arrecadação foi o componente mais afetado – verdade que não apenas pela desaceleração econômica, mas também pelo volume de desonerações realizadas pelo atual governo –, o que conduziu ao alcance de déficits primário e pôs em risco o grau de investimento do país.

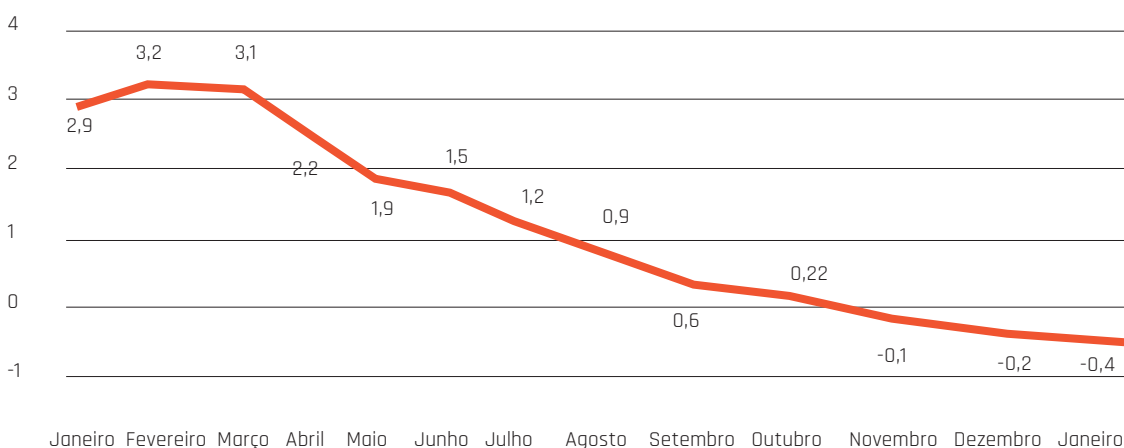
Em 2015, a julgar pelas perspectivas e primeiros números divulgados, um cenário de recuperação parece irreal, mesmo com base em um período pouco favorável como 2014 e a despeito dos esforços implementados pelo governo, centrado na busca de um equilíbrio

fiscal que permita apoiar o crescimento econômico nos próximos anos. De fato, segundo o índice do Banco Central, a atividade econômica acumulada em 12 meses até janeiro, comparada aos 12 meses imediatamente anteriores, sofreu retração de 0,4% (ver Gráfico 2), apontando um quadro recessivo já nos primeiros meses do ano. Cabe ressaltar que a queda na atividade industrial, já agravada pelo fraco desempenho, tanto do comércio exterior mencionado anteriormente quanto do mercado interno (em 2014, o comércio varejista cresceu apenas 2,2%, enquanto o varejo ampliado apresentou queda de 1,7%, piores resultados nos últimos 11 anos), guarda também relações com o a retração no mercado de trabalho formal: a dinâmica sustentação dos ganhos reais do salário face à baixa produtividade da indústria nacional, sendo compensada por programas de demissão, como no setor automobilístico, ou redução da produção em si.

Some-se ao parco desempenho econômico, a consequente deterioração das contas públicas, em que a arrecadação foi o componente mais afetado – verdade que não apenas pela desaceleração econômica, mas também pelo volume de desonerações realizadas pelo atual governo –, o que conduziu ao alcance de déficits primário e pôs em risco o grau de investimento do país.

Em 2015, a julgar pelas perspectivas e primeiros números divulgados, um cenário de recuperação parece irreal, mesmo com base em um período pouco favorável como 2014 e a despeito dos esforços implementados pelo governo, centrado na busca de um equilíbrio

**Gráfico 2 - Brasil: variação acumulada em 12 meses do Índice de Atividade Econômica do Banco Central (em %) - Jan/14 a Jan/15 (base: 12 meses imediatamente anteriores)**



Fonte: Banco Central do Brasil. Elaboração Ceplan Multi.

Nesse contexto, conforme metodologia adotada pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), as famílias iniciam o ano com queda nas expectativas sobre todos os componentes que afetam o consumo, sejam: o emprego, a renda e o crédito com piora nas perspectivas de consumir nos próximos meses, além da avaliação negativa do momento atual quanto à aquisição de bens duráveis. Segundo a CNC, o índice de Intenção de Consumo das Famílias (ICF/CNC) segue em trajetória declinante desde janeiro e chegou ao menor patamar da série histórica em março, com queda de 11,9% em relação a março de 2014 e de 6,1% em relação a fevereiro de 2015.

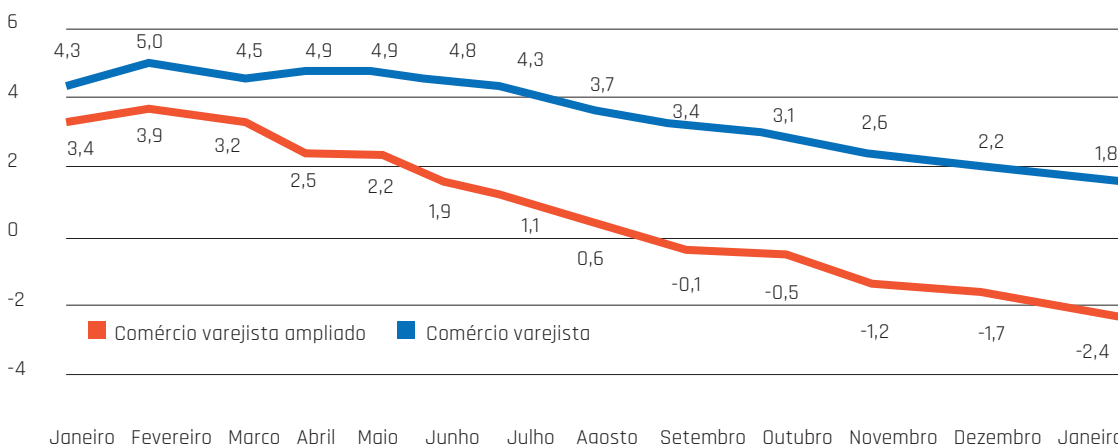
O que se observa, efetivamente, é que já nos dois primeiros meses do ano a inflação, medida pelo IPCA/IBGE, acumulou 2,5%, crescimento que foi de 1,2% no mesmo período de 2014. De fato, a elevação de preços como os de combustíveis, energia elétrica, transporte público urbano e itens básicos da alimentação, aliada a incerteza no âmbito do mercado de trabalho, tem reduzido o consumo de modo geral – a taxa de desemprego chegou a 7,4% fevereiro (PNAD Contínua/IBGE), a maior desde julho de 2013, enquanto o emprego formal acumula

um saldo de aproximadamente 80,7 mil a menos no bimestre, segundo dados preliminares da Relação Anual de Informações Sociais/MTE.

Outros fatores para a redução do consumo são a elevação das taxas de juros para operações de crédito – que passou de 30,1% ao ano em janeiro de 2014 para 32,8% a.a. em fevereiro de 2015 – e o alto nível de endividamento das famílias (57,8% em fevereiro), o que têm reduzido a demanda por crédito. Nesse contexto, o percentual de famílias endividadas, mesmo em alta, apresentou queda significativa comparado ao início de 2014 (63,4% em janeiro), o que pode denotar um comportamento mais cauteloso dos consumidores, que optam por saldar débitos e reduzir a parcela da renda destinada ao consumo.

Não por acaso, considerando a conjuntura observada ao longo de 2014, ainda com rebaixamento nos primeiros meses de 2015, tais fatores continuam influenciando o desempenho do comércio varejista, que segue em trajetória declinante desde o segundo semestre do ano anterior, inclusive com redução de vendas no varejo ampliado (ver Gráfico 3).

**Gráfico 3 - Brasil: variação acumulada em 12 meses do volume de vendas do COMÉRCIO VAREJISTA e do COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO (em %) - Jan/14 a Jan/15 (base: 12 meses imediatamente anteriores)**



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

Com as perspectivas de piora do quadro econômico sendo ampliadas pelo cenário político – base do Governo fragmentada, articulada à oposição em certos momentos, e Congresso rebelado em associação a um momento de queda de popularidade do Governo e da Presidente

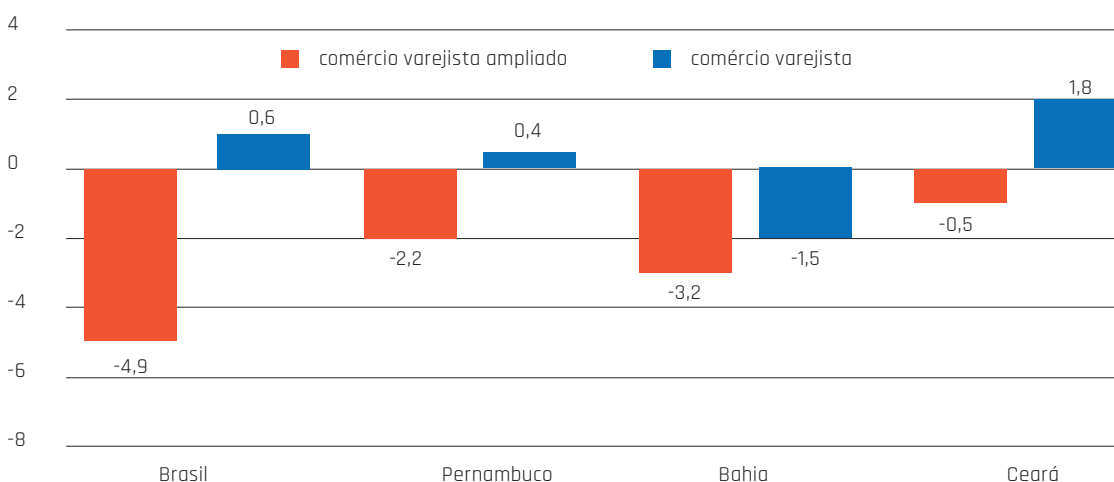
em paralelo com paralisações, a exemplo dos caminhoneiros, e manifestações de descontentamento (nas ruas e nas redes sociais) –, ainda é possível esperar o aprofundamento dessa queda no comércio, pelo menos durante o primeiro semestre.

### COMÉRCIO VAREJISTA EM PERNAMBUCO

As informações da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC/IBGE) indicam que o volume de vendas do comércio varejista brasileiro em janeiro praticamente se manteve igual comparativamente ao mesmo período do ano anterior, apresentando crescimento no Varejo de apenas 0,6%, como pode ser visto no Gráfico 4. No que se refere ao volume de vendas do Varejo Ampliado (que incorpora os segmentos de ‘veículos, motocicletas, partes e peças’ e de ‘material de construção’) observa-se a significativa redução de 4,9%, pior desempenho comparado aos dez anos anteriores, reforçando o que já vinha sendo observado nas últimas edições das análises conjunturais do comércio em nível nacional. Esse quadro agora passa a atingir de forma determinante o comércio das principais economias do Nordeste, que já se

aproxima do quadro nacional, especialmente no que diz respeito ao varejo ampliado. Os efeitos da crise são sentidos em maior profundidade na Bahia, com o volume das vendas do Varejo de janeiro de 2015, comparadas às do mesmo mês de 2014, caindo 1,5% e registrando queda ainda maior no Varejo Ampliado (-3,2%). No caso pernambucano os dados reproduzem a trajetória brasileira, embora com contornos menos acentuados, verificando-se aumento de 0,4% no Varejo e redução de 2,2% no Varejo Ampliado. Já no Ceará o volume de vendas no Varejo cresceu 1,8% em janeiro de 2015 relativamente ao do mesmo mês do ano anterior, enquanto no Varejo Ampliado, acompanhando os indicadores nacional e dos demais estados nordestinos mencionados, apontou queda (-0,5%).

**Gráfico 4 - Brasil, Pernambuco, Bahia e Ceará: variação mensal do volume de vendas do COMÉRCIO VAREJISTA e do COMÉRCIO VAREJISTA AMPLIADO (em %) - Jan/15 (base: igual mês do ano anterior)**



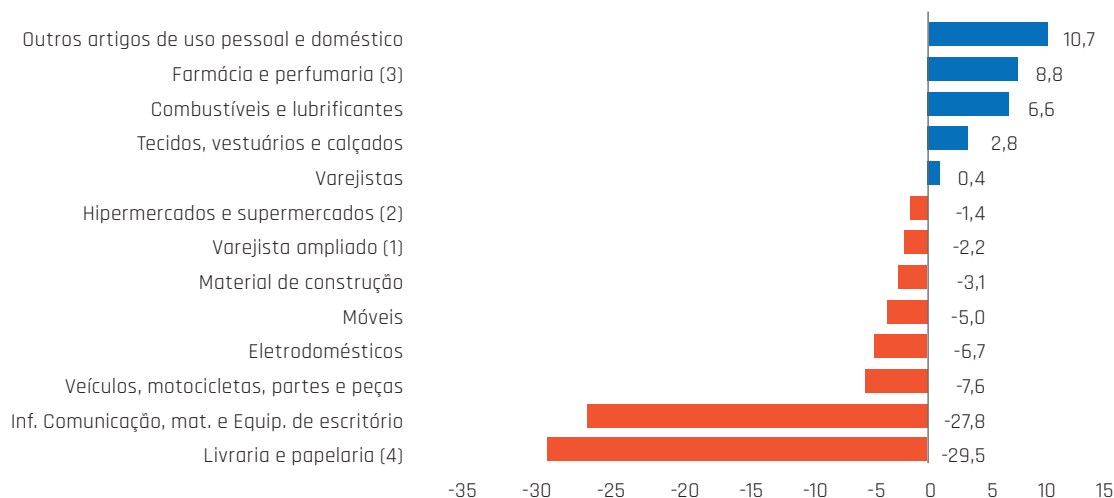
Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

## 2.1 DESEMPENHO POR SEGMENTOS

Os dados da Pesquisa Mensal do Comércio do IBGE sobre o comércio varejista estadual mostram que no início de 2015 a maioria dos segmentos têm pior desempenho que em janeiro de 2014. O Gráfico 5, que retrata a variação mensal do volume de vendas por segmento do comércio varejista destaca que a maior parte dos segmentos comerciais apresentou queda no volume de vendas no mês de janeiro de 2015, comparativamente ao mesmo mês do ano anterior. Tiveram desempenho positivo significativo os segmentos do Varejo de 'outros artigos de uso pessoal e doméstico', 'farmácia e perfumaria' – segundo o IBGE explicada pelo fato de se tratar da venda de produtos de uso essencial, além de os preços dos itens desse segmento virem sofrendo variações abaixo do IPCA - e 'combustíveis e lubrificantes' e, relativamente modesto o comércio de 'tecidos, vestuários e calçados'.

Com variação acumulada negativa considerável no mês analisado em relação ao mesmo período do ano anterior destacam-se 'livraria e papelaria', 'informática, comunicação, materiais e equipamentos de escritório' afetados de forma incisiva pela elevação do câmbio, 'veículos, motocicletas, partes e peças' cujas vendas vêm apresentando quedas consideráveis desde meados de 2014, 'eletrodomésticos', 'móveis' e 'material de construção', nesse último caso devido à diminuição do ritmo nos programas habitacionais a exemplo do Minha Casa, Minha Vida e no encarecimento do crédito influenciando nas reformas residenciais. Com redução mais branda salienta-se o volume de vendas no segmento de 'hipermercados e supermercados' que, por conta da alta dos preços, ainda tem levado as famílias a reduzir o consumo, principalmente no que se refere a itens dispensáveis na cesta mensal.

**Gráfico 5 - Pernambuco: variação mensal do volume de vendas por SEGMENTO do comércio varejista (em %) - Jan/15 (base: igual mês do ano anterior)**



Fonte: Pesquisa Mensal do Comércio/IBGE. Elaboração Ceplan Multi.

(1) Inclui veículos e materiais de construção, além dos demais segmentos do varejo;

(2) Inclui produtos alimentícios, bebidas e fumo;

(3) Trata-se de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumarias e cosméticos;

(4) Corresponde a livros, jornais, revistas e papelaria

## SÍNTESE

As dificuldades do quadro econômico nacional vêm sendo ampliadas pelo cenário político, onde se observa a base do Governo fragmentada, articulada à oposição em certos momentos, e as dificuldades de entendimento entre o Executivo e o Congresso, associadas a um momento de queda de popularidade do Governo e da Presidente em paralelo com manifestações de insatisfação nas ruas (com agenda variada) e nas redes sociais (com um tom mais agressivo).

Por sua vez a discussão econômica que pauta as decisões políticas sobre o direcionamento econômico do País está centrada na política macroeconômica de estabilização centrada no ajuste fiscal – anunciado de forma fragmentada - e na ação do BACEN (alta de juros, redução do crédito e menor atuação no mercado de câmbio), sentindo-se a falta de uma visão estratégica que oriente o desenvolvimento do

país no médio e no longo prazo.

Os indicadores conjunturais confirmam as expectativas de estagnação da economia brasileira, com redução do PIB e a consequente deterioração das contas públicas, na qual a arrecadação foi o componente mais afetado, conduzindo a déficits primário e nominal. Do lado da oferta, queda do produto industrial e fraca expansão do setor de serviços com peso significativo do comércio. Do lado da demanda, verifica-se redução no consumo das famílias causada por conta da pressão inflacionária e pelo desaquecimento no mercado de trabalho, freando o crescimento do emprego formal e gerando condições adversas à obtenção de crédito.

O somatório desses fatores imprimiu menos fôlego à economia brasileira, impactando de

forma significativa no arrefecimento da economia em 2014, com reflexos consideráveis nesse início de 2015 para o comércio varejista, que segue em trajetória declinante desde o segundo semestre de 2014. O resultado desse cenário é traduzido, no mês de janeiro de 2015, pela estagnação no volume de vendas do comércio varejista brasileiro e pernambucano, situação que se torna mais grave ao se analisar o Varejo Ampliado, onde se nota significativa queda no volume de vendas, refletindo o pior desempenho da década e que tende a se agravar com as perspectivas de piora do quadro econômico ao longo do ano em curso.

#### EXPEDIENTE - FECOMÉRCIO-PE

Presidente: Josias Silva de Albuquerque  
Diretora-executiva do Instituto Fecomércio:  
Brena Castelo Branco  
Economista: Rafael Ramos  
Designer: Luiza Barrocas  
Companhia do Texto (Revisão):  
Laércio Lutibergue



Sede provisória: Rua do Sossego, 264, Boa Vista,  
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-080  
Tel.: (81) 3231-5393 (PABX)  
Fax.: (81) 3222-9498 / 3231-2912

Anexo: Av. Visconde de Suassuna, 114, Boa Vista,  
Recife, Pernambuco, CEP 50.050-540  
Tel.: (81) 3231-6175 (PABX)  
Fax: (81) 3423-3024

